

“Em tempos muito antigos, ao que consta, chamava-se a atenção das gentes por pancadas de um instrumento sólido sobre um metal espalmado.

Mais tarde, esse metal espalmado, foi tomando forma, a fim de que o som ressoasse, até que se chegou ao feito Côncavo de uma esfera com uma abertura.

Assim apareceu o sino composto por uma campânula com um pedaço de metal rígido no interior e que o conjunto podia ou não girar sob um eixo, onde estava sustido.

Como o sino era usado para chamar as gentes ou dar-lhes um sinal codificado, era colocado em sítios altaneiros para que o som ecoasse para todos os lados e, de preferência, nas igrejas cristãs para chamamento dos crentes.

Na religião muçulmana este chamamento é feito por homens que, com voz clara e potente, emitem frases religiosas a horas certas no alto dos minaretes.

Na religião budista, o referido chamamento às práticas religiosas é feito com o bater de um enorme pau, em posição horizontal, contra um grande sino.

Normalmente o sino é usado nas igrejas cristãs para anunciar que a missa irá começar dentro de minutos; que o casamento se acabou de realizar; que acaba de falecer alguém da comunidade; ou que há alteração da ordem normal cívica e toca a rebate.

Vem isto a propósito do uso do **sino em Évora**. Mas não falaremos dos toques codificados dos sinos em S. Francisco, S. Antão, S. Mamede e talvez noutro lugar.

Até há séculos passados, mas não muitos, era costume fecharem-se as portas de acesso à cidade existentes na muralha, assim como as portas que isolavam a judiaria, pelo que ao pôr e ao nascer do sol existia um sino que regulamentava o seu uso, tendo existido um por cima do Templo Romano (que estava completamente fechado com alvenaria entre as suas colunas). Além deste sino “de correr” tinham algumas igrejas os seus sinos “privativos” sendo os mais potentes e importantes os da Sé Catedral. Digo privativos porque eram os que tocavam para as suas cerimónias religiosas quotidianas, porque os havia que eram “privados” de certos Santos como ainda é o caso do do Anjo ou da Senhora do Ó ou Bom Parto ou Bom Sucesso, que está na Sé e que é usado quando uma parturiente está preste a dar à luz e pede auxílio celeste para que ocorra rapidamente.

Num convento nesta cidade, que tinha muitas jovens ao seu cuidado e por vezes a comida rareava, faziam apelo à benevolência pública tocando o seu sino. No convento da Cartuxa também o seu sino toca a horas certas para o chamamento, à oração, dos seus ocupantes.

Entretanto apareceram os relógios com ligação sonora aos sinos, como é o caso do da Sé, que há cerca de um ano recomeçou o seu funcionamento, interrompido durante alguns anos.

Pois bem, Évora tinha como orientação horária os sinos da Sé e de Santo Antão – estando a “freguesia do Tarro” com som electrónico.

Acaba de ser instalado no Mosteiro de S. Francisco, também um relógio-sineiro de óptimo som, mas... para uma parte da cidade (Farrobo) causa uma pequena confusão pois os sons horários sobrepõem-se aos do relógio da Sé o que leva a dar duplicação horária às pessoas mais desatentas. É assim que onde há cerca de três anos se ouvia um relógio, agora, na mesma zona, se pode ouvir por vezes três relógios ao mesmo tempo. – o pior é que há desfasamento no acerto, talvez por que cada um se acerta por cada relógio das nossas TV's!.

E por fim acaba de ser adquirido mais um relógio sonoro para a nova Igreja da Sagrada Família, a inaugurar brevemente.

Que confusão será, que mais não seja às 12 e 24 horas (principalmente se fôr em tempo de verão em que se dorme com as janelas abertas!).”

Fonte: *A Defesa*, informação disponibilizado e recolhida por José de Amarante, 21 de junho de 1995.